Anno I Angra do Heroismo, 5 de setembro de 1900 Numero 4

RECREIO ACADEMICO

Revista de litteratura e instrucção
Collaborada pelos alumnos do Lyceu

DIRECTORES :—H. Braz, H. Martins, P. d'Oliveira.
EDITOR :—Manuel Pereira d'Avila.

Typ. SOUZA & ANDRADE, Rua do Conselheiro J. Candido—15 e 17.
Publica-se nos dias 5, 15 e 25 de cada mez.

N'uma batalha...

Decorria o anno de 183...

Napoleão I havia quebrado já a sua espada vencedora e a Europa, retalhada por elle, firmara a paz, paz, na verdade, assaz ephemera

Em Portugal, porem, passados uns mezes, dois reis em cujas veias girava o sangue de irmãos, amotinando o povo, debatiam-se pela corôa.

As luctas intestinas são as que enfraquecem mais depressa uma nação. E foi o que succedeu.

. . . . . .

A batalha devia ser sangrenta.

Os exercitos eram mais ou menos fortes para que algum d'elles cedesse aos primeiros embates.

O local que ia ser theatro de tanta desgraça, de tanto infortunio; que ia tornar esposas viuvas, filhos orphãos, paes desamparados, tinha um aspecto risonho, alegre, animando os combatentes.

Aqui uma cordilheira aspera por cujas quebradas soava de quando em quando o assustador grito de —alerta—; mais alem um extenso prado com suas symetricas divisões de variegadas cores, dispostas de maneira a formar um enorme quadrado, embriagando a vista, parecendo d'estas «paciencias» com que se entretem as creanças; e lá ao longe a estrada, com seus muros brancos, serpenteava graciosa, similhando enormes rails de immensas locomotivas.

. . . . . .

Começara a lucta.

Os canhões ribombavam,

vomitando torrentes de projecteis, conductores da morte e do estrago. Mas não satisfaziam a sede, a gana dos exercitos que se aproximavam velozmente.

As vozes do mando repercutiam-se apressadas e aquelles homens, quaes outras feras enraivecidas depois da lucta, caiam como por encanto.

Estariam talvez a uns trinta passos quando o capitão das forças do Imperador, trespassado por uma bala em pleno peito, fez parar a lucta.

Em ambos os campos foi içada a bandeira branca e o capitão inimigo, seguido de dois officiaes inferiores, dirigiu-se ao outro lado.

E' que agonisava aquelle que lhe dera a vida. Seu pae morria... ás suas mãos talvez.

Terrivel é a guerra!

Bemaventurada a paz! Felizes sejam aquelles que ora trabalham pela realisação d'esse ideal sublime, unico: paz universal.

E o filho levantando o pae carinhosamente, tapou-lhe a ferida d'onde corria o sangue a flux.

Depois deu-lhe um beijo na testa banhada de suor frio e exclamou soluçando:

—Meu pae...perdão!

E o velho official, n'um ultimo arranco, respondeu fracamente:

—Perdou-te, sim, mas... viva o Imperador!

Ao ouvir estas palavras o filho, cujos olhos chamejavam de raiva, apertou os beiços, deu-lhe um movimento brusco ao corpo, gritando:

—Nunca! Viva o Absoluto!

Debalde! O heroe era já cadaver...

.....

Depois de algumas honras funebres feitas, a lucta... recomeçou.

Angra, agosto—1900.

HENRIQUE BRAZ.

Nota: Não tem nenhuma origem historica a narração acima.

Contraste

Eram trindades.

Como é solemne e grave no meio das matas a hora mysteriosa do crepusculo, em que a Natureza se ajoelha aos pés do Creador para murmurar as preces da noute. Essas grandes sombras que se estendem pela plani-

cie, essas gradações infinitas de luz pela quebrada das montanhas, esses raios perdidos que esvoaçando-se pelo rendilhado da folhagem vão brincar um momento sobre a areia, tudo respira uma poesia immensa que enche a alma.

J. d'Alencar.

O sol inclinava-se para o occaso.

As aves, voando doudejantes, iam abrigar-se fugitivas nos seus ninhos e a brisa levemente se agitava nos rendilhados arvoredos da floresta encantadora.

N'uma casinha branca onde as trepadeiras se enroscavam em columnatas floridas, estava o abrigo d'um amor immaculado e santo. Era ali que vivia a felicidade, entregue a uma formosa menina e a um elegante mancebo... que se amavam loucamente.

Ao approximar-se a noute, vagueavam ao longo das florestas e ahi, meditativos, esquecidos da sociedade que ao longe se movia na eterna lucta das paixões, comtemplando e procurando advinhar os segredos da silenciosa natureza, sentados n'alguma pedra derruida, emquanto a noute estendia o seu veu de mysteriosa tristeza pela cumiada das montanhas, permaneciam mergulhados n'esse extase sublime, n'esse puro e intimo enleio que lhes enchia a alma das mais candidas e inneffaveis alegrias, cujo segredo só, na terra, possuem os corações que palpitam d'amor.

N'este meio encantador cheio da mais fervente poesia, ellas cantavam e... sonhavam, sentindo o doce bafejar da viração que espalhava o perfume das flores silvestres; ouvindo o rumorejar monotono d'uma cascata e o espear suave de pequenos regatos onde se reflectia o pallido clarão da lua, repetiam apaixonadamente:

—Oh! somos felizes, muito felizes, porque vivemos do nosso amor.

Porem, mais tarde, sopra o vento da desgraça. Inclinam a fronte, batida pelos temporaes da vida; luctando, mas sendo vencidos, rendem-se finalmente, exhaustos de forças, e pedem ao mundo, que os não soube comprehender, que lhes abra o tumulo onde desejam repousar e esconder de suas vistas profanas o seu amor, os deliciosos momentos de felicidade que elle lhes proporcio-

nou e que passaram com extraordinaria rapidez.

Angra.

EDUARDO REYS.

Cruzeiro honroso

(A narração que se segue, parece-nos que historica, é extrahida d' uma linda poesia de F. Gomes d'Amorim.

Por ser desconhecida e bastante interessante é que a publicamos, com o intuito de tornar a leitura da nossa revista mais agradavel.).

Apos trinta annos a Inglaterra soberba que não perdoara a independencia, nem mesmo vendo que eram dignos d'ella, tentou vingar, desagravando embora a propria historia, os estragos de Bunker's Hill, Saratoga e Cornwallis, mas os Estados-Unidos, sempre desconfiados, tinham-se preparado bem e quando, apos trinta annos, foram provocados á guerra, infligiram aos inglezes novas derrotas.

N'esse tempo o mundo era agitado por grandes convulções e as balas revolviam a terra e o proprio mar.

Napoleão, o grande, reinava em quasi toda a Europa, fazendo de seus soldados reis e os reis soldados.

Albion, a Albion altiva, que ainda hoje é tão antipathica e que está mostrando ao mundo, bem frizantemente, que o direito da força tenta suplantar a força do direito, não provou do captiveiro por estar guardada pelo mar.

A nossa patria, hoje tão pobre, foi quem primeiramente despedaçou o jugo e quando rebentou a guerra, sairam logo varios navios a cruzar.

E' que então Portugal tinha navios e ousava combater defendendo os seus direitos.

Ainda hoje é livre, tem bravos officiaes e valentes marinheiros mas o genio... morreu!

. . .

Um dos navios era o «Tejo», um briguezinho, novo, armado com dez canhões e cuja guarnição, n'este cruzeiro, era composta de moços destemidos e valentes.

Andava o commandante passeando distraido sobre a coberta, examinando os trabalhos dos seus marinheiros, quando subitamente ouviu das gaveas o grito de—«Navio á prôa»—

que o fez subir immediatamente com um oculo na mão.

E o brigue, seguindo avante, aproximou-se do desconhecido que era um grande navio.

Ao vel-o o commandante ficou suspenço, sem saber se ha de seguir. A curiosidade o incita, porem a razão lhe diz que é melhor ficar se atraz.

Já ia, talvez, parar, quando lhe brada o gageiro:

—Navio por sotavento. Vae fugindo do primeiro.

—Larga o panno todo fóra! Firma a bandeira com bala! Desatraca a artilheria! Tudo a postos...

O navio desconhecido era uma fragata; içava bandeira com as côres federaes.

. . .

—Dá fundo, ó da fragata! em lingua ingleza disse o portuguez pela buzina.

—Dá fundo ou faço fogo!

Mas os da fragata, rindo-se talvez do ousado commandante, não lhe dão resposta e porfiam a correr.

— Ala braços a bombordo. Apontar pelo arvoredo! Fogo vivo!... Basta!... Que enormes avarias!

Com effeito a fragata fundeava, meio desarvorada, e para o brigue voga um escaler trazendo o commandante americano.

O navio perseguido, entretanto, ia entrando em Lagos a salvamento, bemdizendo a guarnição do briguezinho.

O escaler atracou e o americano pediu licença para entrar.

Ao portaló o moço portuguez, pasmado, com seus officiaes vae recebel-o.

Continua.

HENRIQUE BRAZ.

Pagina triste

(Continuação)

Era pois, na enfermaria de S. Gabriel d'aquella casa de caridade, acompanhada da sua amiga que se encontrava esta desventurada.

Após alguns momentos de intimo recolhimento, voltou-se para ella e com uma voz fraca e interrompido pelos soluços disse-lhe:

—Vou contar-te a minha triste historia, por estar perto de morrer e seres tu a minha unica amiga.

—Era eu uma rapariga ho-

nesta e simples, neta d'uns antigos quinteiros dos srs. de Ayalla, na companhia dos quaes vivia, nas proximidades do castello, desde pequenina.

—N'um dia chegou á aldeia o sr. Jorge, que estudava na cidade; por essa occasião apressei-me a ir visitar a familia.

—Não sei porquê, mas fiquei muito envergonhada ao defrontar com o gentil mancebo que conhecera em pequenino, quando com elle, brincava nos seus jardins; mas o que é certo é que me arrependi um pouco de lá ter ido.

—No entanto com o decorrer do tempo fui-me habituando a vêl-o e já então lhe falava com desembaraço.

—Elle fazia-me varias offertas e eu correspondia-lhe com flores. Pois se era tão pobre!!

—Depois... comecei a notar-lhe, no semblante, qualquer coisa que o preoccupava, quando nos juntavamos; tinham-se invertido os papeis, agora era a elle a quem costava a falar, perturbava-se... e n'um dia em que elle parecia mais agitado do que o costume disse-me abruptamente:— Amo-te, serás minha esposa.

—Se a alegria matasse decerto teria morrido, tal foi a intensidade da commução, que tão deliciosamente me agitou; fiquei como louca, fascinada por Jorge a quem reconheci senhor do meu destino.

—Passados momentos, mais calma, simulando uma decisão que estava bem longe de ser real, pude dizer-lhe: Senhor Jorge, lembre-se quem é, qual a sua familia, veja quem eu sou; uma filha dos seus servos.

—Pense na enorme barreira, que nos separa; o senhor fidalgo... eu plebêa.

—Repare quão grande seria o escandalo se o senhor podesse realisar o seu intento!!

—Alem d'isso, sabe perfeitamente que o sr. marquez nunca poderia consentir no nosso enlace, e se consentisse qual não seria o seu pezar, ao vêr os seus amigos e collegas casados com mulheres dignas d'elles, quando o senhor não se atreveria a apresentar a sua, em qualquer logar, porque seria uma camponeza, que nem espremir-se sabia!

—Na sociedade que o senhor frequenta encontrará de certo uma joven que o ame e que o faça ditoso.

Esqueça-me e será feliz,

eu... irei para longe, muito longe, para casa de meu pae e... tambem serei feliz...

— Cala-te Luiza que me despedaças o coração. Amo-te, juro-t'o por Deus, e é isso o bastante para que ganhe a coragem necessaria a afastar qualquer estorvo, que se opponha a nossa felicidade.

—Sahires destes sitios que são testesmunhas do nosso amor seria matares-me.

—E sabes que se te auzentasses d'aqui, eu te seguiria, ainda que fosse ao fim do mundo.

—E Jorge de pé em frente de mim com as faces pallidas, o olhar incendido continuou deffendendo a sua ideia, aduzindo argumentos taes que embora repudiados pelo bom senso, eram aceitos de bom grado pelo coração.

—Estavamos então no parque do castello, junto do lago das palmeiras.

—Tão abalada me achava, que nem dei fé da tempestade iminente.

—O sol tinha-se escondido por entre densas nuvens, o calor asfixiava, a electricidade accumulava-se na atmosphera preparando uma horrorosa tempestade.

—Após momentos começaram por cahir grossos pingos d'agua e quasi logo desencandeou-se uma chuva por tal modo torrencial, que parecia que se rasgara o ceu.

—Então assustados principiamos a correr para a *Gruta dos Pastores*, que era o abrigo mais proximo.

Ali estavamos sentados nos bancos de pedra tosca, que orlavam a gruta, quando fuzilou um relampago d'uma claridade livida.

—Logo de seguida ouviu-se o ribombo do trovão, que abalou a terra até ás suas profundezas.

—Assustada e como que impellida por força estranha, lancei-me para Jorge que julgava assás poderoso para me deffender.

—O raio ao cahir atravessou o velho castanheiro, que já de ha seculos ali estava defronte da gruta como que servindo-lhe de sentinella.

—O castanheiro oscilou ainda, mas fôra vencido... Formou-se então a noite em volta de nós, pois o colosso tinha apagada, com a quéda, a já diminuta claridade que havia.

—E eu cada vez mais horrorisada mais e mais me unia a Jorge....

—Meu Deus fomos culpados! Mas como?

—Não sei!

. . . . . .

(Conclue)

H. MARTINS.

Terminando

Falae mal da mulher em geral, todas se revoltarão contra vós; falae mal d'uma mulher em particular e todas farão côro.

Bougeart.

*

A gente da cidade emprega geralmente, segundo os calculos de varios homens de sciencia, 500 palavras, mas muitas chegam a empregar mil. Os montanhezes não attingem mais que 100 a 200. Milton chegou a empregar 8:000 palavras. Victor Hugo não passou de 10:000. Shakespeare attingiu ao uso 16:000 palavras.

*

MAIS

(Bartrina)

—A quem amas tu mais, confessa, pois;
E' a mim ou a Deus?
—«A Deus já vi!»
—Ah! com que então a Deus?
—«Aos dois, aos dois!»
(E depois em segredo:) A ti, a ti!...»

Fernandes Costa.

*

A torre Eiffel, de Paris, é mais alta oito pollegadas no verão do que no inverno. Esse phenomeno é devido á elasticidade metallica na estação quente.

*

Proverbios:—A coroa não cura as dores de cabeça.—Inglez.

O dente morde na lingua e todavia vivem juntos.—Dinamarquez.

*

QUEBRA CABEÇAS

ENIGMA

6 romanos, 100 portuguezes sem uma perna e a metade da cabeça d'um francez, tudo sommado, quantos homens dá?

1.º		2.º
VER		
VI		DD

Recebem-se decifrações e composições.

RECREIO ACADEMICO

Assignatura

Mez ou 3 numeros	100 rs.
Numero avulso.....	40 rs.
Para fóra da cidade accresce o porte do correio.	
Fóra da ilha — 3 numeros (pagamento adiantado).....	125 rs.

Toda a correspondencia dirigida a Paulo d'Oliveira.—Angra—Açores.